

## A LATERAL PÓS-VOCÁLICA EM LAGES/SC: ANÁLISE VARIACIONISTA

### THE POST-VOCALIC LATERAL IN THE COMMUNITY OF LAGES/SC: AN ANALYSIS UNDER THE VARIATIONAL THEORY

Eduardo Luís Nedel\*  
Laura Rosane Quednau\*\*

**Resumo:** Este trabalho analisa as formas de realização da lateral pós-vocálica na cidade de Lages/ SC sob a luz da Teoria Variacionista, visto que, no português brasileiro, a lateral /l/, quando em posição final de sílaba, é realizada de forma variável, podendo ser realizada como [l] alveolar, [ʎ] velar, semivogal [w], apagamento [Ø] ou rotacismo [r]. De acordo com a literatura, essa variação pode ocorrer tanto em função de condicionantes sociais quanto linguísticos. Devido aos resultados obtidos em processamento estatístico prévio, optamos por uma análise binária para a vocalização da lateral contra essas demais formas de realização do fonema /l/, todavia fazemos comentários que julgamos pertinentes com relação a todas elas. Nossa análise dos dados é comparada e contrastada com os resultados obtidos em estudos anteriores e demonstra que os fatores sociais *idade*, *escolaridade* e *sexo* são relevantes na aplicação de uma regra variável, assim como os fatores linguísticos *acento*, *fronteira de morfema* e *contexto fonológico precedente*. Por fim, fazemos um estudo sobre os fatores extralinguísticos favorecedores das diversas formas de realização da lateral, com base nos dados fornecidos por cada um dos informantes dessa pesquisa.

**Palavras-chave:** Lateral pós-vocálica; Vocalização; Teoria Variacionista; Sociolinguística.

**Abstract:** This paper aims to analyze the output forms of the post-vocalic lateral in the community of Lages/SC under the Variation Theory, since, in Brazilian Portuguese, the lateral /l/, when in the final position of a syllable, is performed in a variable manner, ranging from alveolar [l], velar [ʎ], semivowel [w], deletion [Ø] or rhotacism [r]. According to the literature, such variation may happen due to either social or linguistic factors. Due to the results obtained after running the software VARBRUL, we chose a binary analysis for the vocalization of the lateral against other forms of realization of the phoneme /l/, however comments that we considered appropriate regarding all of them are made. The analysis of our data is compared and contrasted with the results achieved in previous studies and shows that social factors such as *age*, *educational background* and *sex* are relevant to the application of a variable rule as well as the linguistic factors *stress*, *morpheme border* and *precedent phonological context*. Lastly we analyze the social factors that favor the many output forms of /l/, based on the data supplied by each of the interviewees used in this research.

**Keywords:** Post-vocalic lateral; Vocalization; Variation Theory; Sociolinguistics.

---

\* Doutorando em Letras pela UFRGS. Este artigo provém de sua dissertação de mestrado na mesma instituição.

\*\* Doutora em Letras pela UFRGS e professora na mesma instituição. Divide a coordenação do projeto *Realização variável da lateral pós-vocálica no português do sul do Brasil e seu condicionamento prosódico* com a professora Gisela Collischonn (UFRGS).

## Introdução

A lateral pós-vocálica, no português brasileiro, pode, no que se refere à variação, ser realizada como [l] alveolar, [ɫ] velar, semivogal [w], apagamento [∅] ou rótico [r]. Este trabalho trata apenas da realização do fonema /l/ em posição de coda silábica na cidade de Lages/SC, utilizando como fonte o Banco de dados VARSUL, coletado na década de 90. Com base nos dados obtidos da pesquisa, analisaremos os resultados com relação aos fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou não o emprego das variantes na realização da lateral pós-vocálica na cidade de Lages/SC.

A partir dos estudos preliminares acerca da lateral em posição pós-vocálica realizados na região sul do Brasil e da literatura em geral sobre esse assunto, levantamos onze hipóteses sobre a lateral pós-vocálica.

Sobre a realização da variante vocalizada [w], os fatores que mais tendem a favorecer a sua aplicação como forma variável do /l/ pós-vocálico são *idade*, *sexo* e *escolaridade*. Baseados em resultados de estudos anteriores, acreditamos que indivíduos (1) com menos de 50 anos de idade, (2) do sexo feminino e (3) com mais tempo de escolaridade façam mais uso dessa forma variável. Com relação aos fatores linguísticos, acreditamos que *posição do acento*, *contexto precedente* e *posição da lateral no vocábulo* sejam importantes para prever se há ou não favorecimento ao uso de [w]. Diversos trabalhos comprovam que a variante vocalizada costuma ser empregada quando (4) a lateral se encontra na posição tônica das palavras, (5) a vogal baixa /a/ é seu contexto precedente e (6) quando a lateral ocorre em final de vocábulo. Os mesmos trabalhos mostram que (7) a vogal alta posterior /u/ age como desfavorecedora à aplicação dessa mesma variante [w].

Com relação à realização da variante velarizada [ɫ], estágio intermediário entre as formas alveolar [l] e vocalizada [w] da lateral /l/, acreditamos que seja mais favorecida pelo fator *etnia* ou *região*. Nas metrópoles e nas regiões metropolitanas parece que a forma variável da lateral atingiu categoricamente o estágio da vocalização. Indivíduos das cidades que mais se distanciam das metrópoles tendem a preservar a lateral alveolar [l]. Nas comunidades que se encontram entre essas duas regiões (entre as metrópoles e regiões muito distantes delas), os moradores tendem a realizar a forma velar [ɫ] da

lateral, bem como as formas alveolar e vocalizada, indicando um estágio intermediário entre a preservação de [l] e o emprego da variável [w]. Como Lages/SC se encontra nessa posição geográfica (intermediária), nossa hipótese é que (8) a forma [w] seja muito empregada, visto que ela é favorecida tanto pelo fator geográfico quanto pelos mesmos condicionadores linguísticos e extralinguísticos que levam à vocalização da lateral, mencionados no parágrafo anterior.

Acreditamos que os contextos de maior preservação da lateral alveolar [l] sejam mais favorecidos por fatores sociais que linguísticos. Prevemos que (9) indivíduos com mais de 50 anos de idade e (10) com menos tempo de escolaridade façam mais uso dessa variante que os demais e que (11) quando o contexto seguinte for uma vogal, permitindo a ressilabação, a lateral deve ser alveolar, de modo que forme com essa vogal o ataque silábico da palavra seguinte.

## **1 A variação da lateral pós-vocálica na língua portuguesa**

No português brasileiro, a lateral /l/, quando em posição final de sílaba, é realizada de forma variável, podendo ser, por exemplo, [l] alveolar, [ɫ] velar, semivogal [w], apagar-se [∅] ou transformar-se em um rótico [r]. De acordo com a literatura, essa variação pode ocorrer tanto em função de condicionantes sociais quanto linguísticos.

A realização de /l/ pós-vocálico como [ɫ] ou [w] pode ser comprovada através de trabalhos como os de Sêcco (1977), Lopez (1979), Cagliari (1981) e Quednau (1993). Essas variantes, na Fonologia Tradicional, são consideradas livres ou de aplicação imprevisível, visto que são atribuídas a um indivíduo ou a um grupo social ou regional. Porém, de acordo com a proposta de Labov (1966, 1969, 1972), essa variação livre não é tão imprevisível quanto aparenta ser. Os fatores linguísticos e sociais podem funcionar como condicionadores, favorecendo ou não o uso dessas formas variantes.

Em consonância com os pressupostos teóricos de Labov (op. cit.), Quednau (1993) constata que as variáveis, tanto linguísticas quanto extralinguísticas, exercem um papel importante na regra variável. Em sua dissertação sobre a lateral pós-vocálica, o programa computacional VARBRUL 2S selecionou, em ordem de importância, o grupo étnico, a posição do acento na sílaba, a posição da lateral na palavra, o contexto fonológico seguinte, o contexto fonológico precedente e o sexo como favorecedores à aplicação da regra variável. O programa ainda descartou, por não considerar relevantes,

as variáveis *faixa etária* e *sândi*. Com relação à variável extralinguística *sexo*, apesar de não ter sido selecionada, os dados indicaram uma pequena vantagem, com relação à aplicação da regra, por parte das mulheres.

Quednau (op. cit.) conclui que o fato de o grupo étnico ser o mais favorecedor à aplicação da regra de vocalização da lateral, amplamente empregada pelos metropolitanos, aponta para uma regra telescópica, em que o [ɬ] velar passa para [w] glide sem estágios intermediários, como [l<sup>w</sup>] velar e labializado. A autora conclui que nas regiões mais afastadas das metrópoles, onde o emprego do [ɬ] velar ainda é mais evidente, a regra de vocalização da lateral pós-vocálica ainda se encontra em seu estágio inicial.

Dos trabalhos analisados, o de Dal Mago (1998) foi o único a tratar da vocalização da lateral na cidade de Lages/SC, além de outras 11 comunidades estudadas na mesma pesquisa. Para a autora, a forma vocalizada da variante encontra-se mais presente nas capitais da região sul, enquanto a variante velar é a mais comumente empregada nas regiões que mais se distanciam dos núcleos urbanos. No que se refere a Lages/SC, parece haver uma distribuição equilibrada das formas velar e vocalizada da lateral pós-vocálica. Assim como a pesquisa de Quednau (1993), o resultado obtido na rodada dos dados dos diversos municípios estudados por Dal Mago (1998) indica que o fator *etnia* é o mais relevante para a aplicação ou não da regra variável. Cabe destacar aqui que nessa mesma pesquisa, na variável *contexto precedente*, a vogal /u/ aparece como favorecedora da aplicação da regra, o que parece estranho, visto que uma realização do tipo [uw] geraria um ditongo malformado em nossa língua.

A tese de Tasca (1999) também confirma a existência de uma regra telescópica para a vocalização da lateral pós-vocálica na fala do Rio Grande do Sul. Em seu estudo, a autora confirma a realização alveolar da lateral em posição de coda silábica nas comunidades bilíngues que compuseram sua amostra. Nessas regiões, a forma velarizada é cada vez mais empregada por indivíduos mais jovens e por aqueles de maior escolaridade. Mas, na capital gaúcha, é notável a presença da vocalização da lateral, sem indícios da forma alveolar. Segundo Labov (1972), esses dados indicam se tratar de uma mudança em progresso. Chama a nossa atenção o fato de a sílaba tônica, nesse mesmo estudo, ser um fator relevante para a preservação da lateral pós-vocálica

[l] alveolar, visto que outros estudos irão apontar esse mesmo fator como favorecedor da vocalização da lateral [w].

No estudo sobre a preservação da lateral alveolar [l] na região de fronteira do Rio Grande do Sul, Espiga (2001, p. 142) destaca que o contato com a língua espanhola opera como um fator de resistência às inovações do português brasileiro. Todavia, a mudança pode ser retardada, mas não evitada. Assim o autor conclui que, apesar de a lateral alveolar ser ainda muito empregada como realização da lateral /l/, esta pode estar com “os seus dias contados”, de acordo com suas próprias palavras, tendo em vista que as demais variantes [ɫ], [l<sup>w</sup>] e [w] também foram encontradas em seu *corpus* de pesquisa, indicando a presença da regra telescópica, já mencionada nos estudos de Quednau (1993) e Tasca (1999).

Assim como nos estudos de Quednau (1993) e Tasca (1999), Costa (2003), em sua dissertação, conclui que na capital gaúcha a aplicação da regra variável – vocalização da lateral [w] – é categórica, com praticamente 100% de aplicabilidade. Nessa pesquisa, o programa VARBRUL selecionou, em ordem de relevância, as variáveis *idade*, *contexto fonético seguinte*, *contexto vocálico anterior* e *informante*. O programa ainda descartou as variáveis *sexo* e *posição* (da lateral no vocábulo).

No estudo de Hahn e Quednau (2007), o programa VARBRUL selecionou a variável *informante*, assim como no de Costa (2003). Essa mesma rodada de dados ainda descartou os fatores *sexo*, *idade* e *escolaridade*. As autoras concluíram, analisando a amostra dos informantes, que a vocalização da lateral [w], na cidade de Londrina/PR, não indica uma mudança em curso, mas sim uma mudança já consolidada há algum tempo, e que o emprego da variante vocalizada é praticamente categórico nessa comunidade.

Para Hora (2006), que analisou a vocalização da lateral na cidade de João Pessoa/PB, o programa VARBRUL selecionou, pela ordem, o *contexto fonológico precedente*, o *tempo de escolaridade*, a *tonicidade*, a *faixa etária*, a *extensão do vocábulo* e o *sexo*. O mesmo programa ainda descartou o *contexto fonológico seguinte* e a *categoria social*. Da mesma forma que Quednau (1993), Hora (op. cit.) percebeu uma pequena vantagem das mulheres sobre os homens na realização da variante vocalizada [w] e que indivíduos mais jovens e com mais escolaridade também preferem essa mesma variante na realização da lateral pós-vocálica. Com relação às variáveis linguísticas, o autor

concorda com Quednau (op. cit.) e Dal Mago (1998) no que diz respeito ao fator acento/tonicidade: a *sílaba tônica* é uma forte favorecedora da forma vocalizada da lateral. Seu estudo também ratifica a afirmação de Dal Mago (op. cit.) de que palavras de até duas sílabas, com menos massa fônica, favorecem a variante vocalizada.

## 2 Metodologia

Os dados desta análise são oriundos do Banco de dados VARSUL, coletados na década de 90 na cidade de Lages, Santa Catarina, e gravados em fitas cassetes. As gravações, feitas entre o entrevistador e o entrevistado, têm uma duração média de sessenta minutos. Porém, devido ao escopo da atividade de audição e transcrição das falas em que a lateral está em posição de coda, limitamo-nos a escutar somente a primeira metade de cada gravação, ou seja, trinta minutos para cada informante, totalizando oito horas de material analisado.

Os dezesseis informantes foram escolhidos a partir de suas fichas sociais, de forma a preencher nossa amostra aleatória estratificada, que deveria ser composta por oito homens e oito mulheres. Metade dos homens deveria ter menos de 50 anos e esses seriam distribuídos em dois grupos de escolaridade: primário e colegial, cada um deles com dois informantes. Para as mulheres a divisão foi a mesma.

Como variável dependente, definimos a vocalização da lateral. Em posição pós-vocálica, o /l/ pode ser realizado como a semivogal [w], dependendo de algumas condições linguísticas e extralinguísticas. Assim, a palavra *papel*, por exemplo, pode ser pronunciada *pape[w]*, e *balcão* como *ba[w]cão*.

Devido ao fato de as variantes velar [ɫ], alveolar [l], apagamento [∅] e rotacismo [r]<sup>1</sup> terem ocorrido com menor frequência como realizações da lateral /l/, optamos por agrupar todas essas variantes em um só conjunto para fazermos uma análise binária. Assim, comparamos a realização da lateral /l/ como semivogal [w] contra qualquer outra forma de realização dessa variante: [ɫ], [l], [∅] ou [r].

As variáveis extralinguísticas analisadas foram: *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*. As variáveis linguísticas analisadas foram: *classe de palavra*, *posição do acento*, *fronteira de morfema*, *contexto fonológico precedente* e *contexto fonológico seguinte*.

---

<sup>1</sup> Optamos representar todas as formas róticas de realização da lateral por [r].

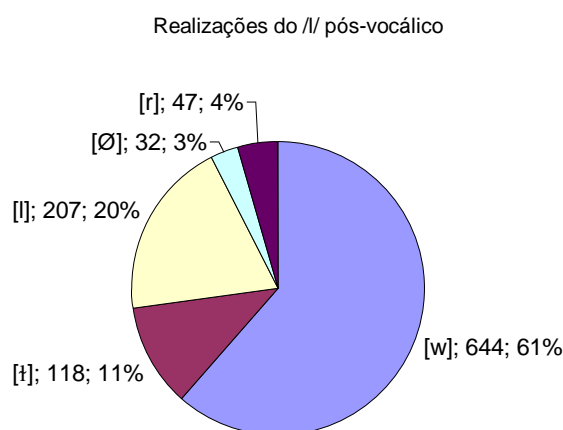
Após a transcrição dos textos e codificação dos dados, submetemos estes à análise estatística do programa computacional GOLDVARB para a realização da análise dos resultados.

### 3 Análise dos resultados

Através de uma análise quantitativa, os resultados estatísticos indicaram que a variante vocalizada [w] é a forma preferida de realização da lateral em posição pós-vocálica pelos informantes de Lages/SC selecionados em nossa amostra.

Das 1048 palavras extraídas das entrevistas do Banco de dados VARSUL, com a lateral em posição pós-vocálica, a forma vocalizada como [w] ocorreu 644 (61%) vezes, e as outras 404 (38%) variantes foram realizadas de quatro diferentes formas: 32 (3%) com apagamento – [Ø]; 47 (4%) com rotacismo – [r]; 118 (11%) com lateral velar – [ɮ]; e 207 (20%) com lateral alveolar – [l]. Podemos observar essa distribuição no Gráfico 1.

Gráfico 1 – formas de realizações da lateral pós-vocálica



Com base nesses resultados, que indicam uma maior incidência da variante vocalizada como forma de realização da lateral pós-vocálica, em termos percentuais, se comparada às outras quatro formas de realização, somada a pouca quantidade total de ocorrências, para a rodada dos dados, utilizando o programa computacional GOLDVARB, escolhemos essa como nossa variável dependente. Assim, optamos por um estudo binário e, na codificação dos dados, representamos a aplicação da regra variável, a vocalização da lateral, por (1) e qualquer outra forma de realização do /l/ por (0).

O programa GOLDVARB selecionou todas as três variáveis extralinguísticas como relevantes ao emprego da variável dependente. A faixa etária foi, tanto em termos percentuais quanto em peso relativo, o fator que mais favoreceu a realização da variante vocalizada, seguida, em ordem, pela escolaridade e pelo sexo.

Como podemos perceber através dos dados da Tabela 1, a seguir, a vocalização da lateral ocorre com mais frequência por indivíduos com menos de 50 anos de idade. Os informantes com mais de 50 anos de idade apresentaram um peso relativo pouco expressivo e optaram pela realização da lateral como /l/ alveolar ou /ɫ/ velar. Labov (1972) sustenta a hipótese de que a forma inovadora é introduzida por indivíduos mais jovens, visto que eles são aqueles que querem inovar e trazer a mudança à sociedade, enquanto os mais velhos são aqueles que tendem a preservar a forma original das palavras.

Tabela 1 – Faixa etária

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
mais de 50 anos	111/407	27	0,12
menos de 50 anos	533/641	83	0,78

*Input: 0,687* *Significance = 0,041*

Esses dados ratificam as conclusões de Quednau (1993), Dal Mago (1998), Tasca (1999), Espiga (2001), Costa (2003), Hora (2006) e Hahn e Quednau (2007), que afirmaram serem indivíduos com menos de 50 anos os que tendem a vocalizar a lateral, enquanto os com mais de 50 anos costumam preservar a lateral com realização alveolar ou velar. De fato, nenhum dos trabalhos que analisamos mostrou que indivíduos mais velhos preferissem a forma vocalizada na realização da lateral pós-vocálica.

Através dos dados da Tabela 2, podemos perceber que a vocalização da lateral ocorre com mais frequência por indivíduos de maior escolaridade. Os informantes de menor escolaridade tendem a pronunciar a lateral de diferentes formas, por ordem de frequência: [l] alveolar, [r] rotacismo e [ɫ] velar. Neste cenário, a escolaridade, ao contrário do que possa se pensar, ao invés de preservar a forma original das palavras é, na verdade, responsável pela mudança delas e por sua rápida disseminação na comunidade linguística.



Tabela 2 – Escolaridade

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
menor escolaridade	198/423	46	0,27
maior escolaridade	446/625	71	0,66

*Input: 0,687* *Significance = 0,041*

Esses resultados corroboram as pesquisas de Dal Mago (1998), em que os informantes mais escolarizados preferiam a variante vocalizada, as de Tasca (1999), que estudou a preservação da lateral pós-vocálica [l], encontrando pesos relativos de 0,62 para informantes com menor escolaridade e 0,45 para os com maior escolaridade, e as de Hora (2006), que encontrou peso relativo de 0,63 para a variante vocalizada nos informantes mais escolarizados. Mas, por outro lado, divergem dos resultados obtidos na pesquisa de Espiga (2001), também sobre a preservação da lateral [l], que aponta para a direção oposta, com pesos relativos de 0,34 e 0,40 para informantes com escolaridade baixa e 0,64 e 0,60 para os com escolaridade alta, nas comunidades estudadas.

A vocalização da lateral ocorre com mais frequência nos indivíduos do sexo feminino, como podemos observar pelos dados da Tabela 3. Considerando o peso relativo, os informantes do sexo masculino não só ficaram abaixo do ponto neutro (que é em torno de .50), mas também muito distantes dos informantes do sexo feminino; na verdade, quase a metade do peso relativo deles. Segundo Labov (1972), a mulher é normalmente a responsável pela mudança linguística, por ser naturalmente o agente inovador das comunidades linguísticas.

Tabela 3 – Sexo

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
Homem	311/589	52	0,36
Mulher	333/459	72	0,68

*Input: 0,687* *Significance = 0,041*

Em estudos anteriores, Quednau (1993), Dal Mago (1998) e Hora (2006) perceberam uma pequena vantagem das mulheres sobre os homens na vocalização da

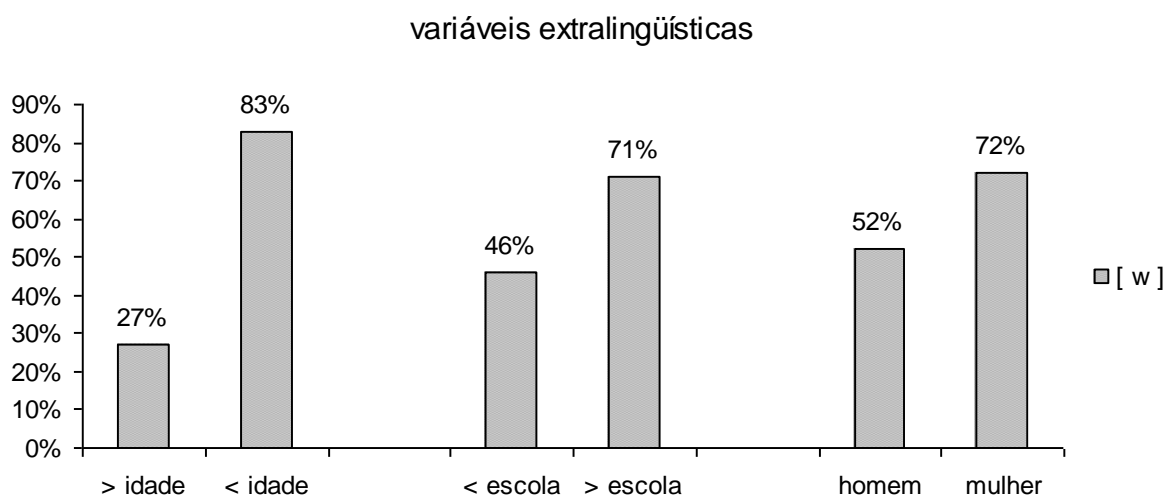
lateral pós-vocálica. Todos esses autores apoiaram-se nos pressupostos de Labov (op. cit.) para justificar esse fato.

Em suma, a partir dos dados dessas três variáveis, podemos constatar que a vocalização da lateral é mais realizada por indivíduos com menos de 50 anos de idade, de menor escolaridade e do sexo feminino.

Nossos resultados contrariam as previsões de Votre (2004), que cita o fator escolaridade como preservador das formas de prestígio, e de Tarallo (1986), por acreditar que o fator sexo não seja muito significativo em variáveis fonológicas e sintáticas. Mas, por outro lado, esses mesmos resultados vão ao encontro das conclusões de Gauchat (*apud* Labov, 1972) e Labov (1972), que atribuem normalmente à mulher o papel de agente introdutório da forma inovadora à língua na comunidade linguística, e de diversos estudos que apontam a faixa etária mais jovem como favorecedora à aplicação de uma regra variável.

Podemos ilustrar a relevância das variáveis extralinguísticas na vocalização da lateral, em termos percentuais, através do Gráfico 2.

Gráfico 2 – Percentual das variáveis extralinguísticas na vocalização da lateral



Entre as variáveis linguísticas, as mais relevantes para a realização da variante vocalizada [w], selecionadas pelo programa GOLDVARB na rodada dos dados, foram o *acento*, a *fronteira de morfema* e o *contexto fonológico precedente*. Grupos de fatores

como *contexto fonológico seguinte* e *classe de palavra* foram considerados menos relevantes ao emprego dessa variante, sendo, assim, eliminados pelo mesmo programa.

A vocalização da lateral ocorre com mais frequência quando o acento da palavra se localiza na sílaba postônica, como podemos perceber pelos dados expostos na Tabela 4, a seguir. Todavia, não podemos afirmar categoricamente que a localização da lateral em qualquer outra posição que não seja na sílaba postônica favoreça ou não o emprego da variante vocalizada, visto que os valores dos pesos relativos dos demais fatores ficaram muito próximos do ponto neutro (0,50) e também entre si mesmos.

Tabela 4 – Acento

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
sílaba pretônica	234/377	62	0,46
sílaba tônica	288/478	60	0,47
monossílaba	50/100	50	0,48
sílaba postônica	72/93	77	0,79

*Input: 0,687* *Significance = 0,041*

A vocalização da lateral ocorre com mais frequência na posição de fronteira de morfema em sufixo, de acordo com os dados da Tabela 5. Tendo em vista que em termos quantitativos esse fator teve um número baixo, dez aplicações de um total de onze, seu peso relativo foi quase categórico, muito próximo de um (1). Ainda, através dos dados expostos nessa mesma tabela, podemos perceber que a vocalização da lateral também é favorecida quando está situada em interior de palavra; porém, desfavorecida quando se encontra no final dela. Nas posições de fronteira de morfema e fronteira de palavra em sufixo, os pesos relativos ficam próximos do ponto neutro: 0,49 e 0,53, respectivamente.

Tabela 5 – Fronteira de morfema

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
final de palavra	239/405	59	0,41
fronteira de morfema	43/75	57	0,49
front. de palavra em sufixo	105/155	67	0,53
interior de palavra	247/402	61	0,56
front. de morfema em sufixo	10/11	90	0,94

*Input: 0,687* *Significance = 0,041*

Podemos constatar, pelos dados da Tabela 6, que a vocalização da lateral ocorre com mais frequência quando ela é precedida pela vogal média-baixa anterior /ɛ/. As vogais que mais desfavorecem o emprego da variante vocalizada são a vogal alta posterior /u/ (0,31) e a vogal média-baixa posterior /ɔ/ (0,41). As demais vogais apresentam pesos relativos próximos do ponto neutro.

Tabela 6 – Contexto fonológico precedente

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
vogal alta posterior /u/	52/92	56	0,31
vogal média-baixa posterior /ɔ/	24/48	50	0,41
vogal baixa /a/	364/621	58	0,51
vogal média-alta posterior /o/	69/103	66	0,52
vogal alta anterior /i/	85/120	70	0,53
vogal média-alta anterior /e/	19/25	76	0,54
vogal média-baixa anterior /ɛ/	31/39	79	0,78

Input: 0,687

Significance = 0,041

Esses dados ratificam resultados anteriores, como os encontrados nas pesquisas de Quednau (1993), Dal Mago (1998) e Hora (2006); porém, Quednau (1993), Hora (2006), Costa (2003) e Hahn e Quednau (2007) destacam a relevância da vogal baixa /a/ que atua como principal favorecedor à vocalização da lateral no fator *contexto fonológico precedente*.

Resumindo, a partir das variáveis linguísticas escolhidas como relevantes pelo programa GOLDVARB, temos que a vocalização ocorre com mais frequência quando a lateral pós-vocálica encontra-se na *sílabo postônica*, na *posição de fronteira de morfema em sufixo* e *precedida pela vogal média-baixa anterior /ɛ/*.

Como a forma vocalizada de realização da lateral passou a ser o tópico principal desta pesquisa e até então nosso foco concentrou-se nela, falaremos agora um pouco sobre as outras formas de realização da lateral, a partir das variáveis extralinguísticas de nossos informantes.

A fim de facilitar a visualização e a análise dos dados obtidos, permitindo assim que, com base nas ocorrências, levantemos hipóteses sobre as formas variáveis de

realização da lateral pós-vocálica, elaboramos o Quadro 1 detalhadamente organizado da seguinte forma:

- na primeira linha, apresentamos os 16 informantes de Lages/SC e os identificamos com os números de 1 a 23, seguindo a mesma numeração utilizada nas entrevistas do projeto VARSUL, de forma a ajudar na localização desses informantes em pesquisas futuras tendo como base o mesmo banco de dados.
- na segunda linha, identificamos as variáveis extralinguísticas dos informantes, utilizando as letras (F) para mulheres e (H) para homens; os sinais (-) para informantes com menos de 50 anos e (+) para aqueles com mais de 50 e, ainda, os números (1) para os que possuem escolaridade primária e (2) para o colegial.
- na terceira linha, apresentamos a quantidade de aplicações da variante vocalizada [w] seguida do total de ocorrências em que a lateral se encontra em posição pós-vocálica.
- a partir daí, para baixo, temos as cinco representações da forma variante da lateral pós-vocálica – [w], [ɬ], [l], [Ø] e [r] – em linhas sombreadas, seguidas, respectivamente, pelo número de aplicações e o percentual que representam, levando em conta a quantidade total de ocorrências, informado na terceira linha.
- por fim, ilustramos a quantidade de ocorrências de ressilabação e seu percentual sobre o total de ocorrências.

Quadro 1 – Formas de realização da lateral para cada informante

1	2	3	4	5	6	7	8	11	15	17	18	19	21	22	23
F-1	F-1	H-1	H-1	F+1	F+1	H+1	H+1	H-2	H+2	F-2	F-2	H-2	F+2	F+2	H+2
39/52	49/57	74/102	18/48	0/32	1/30	1/64	16/38	134/141	11/87	88/96	77/81	54/64	55/66	24/45	3/45
[w]															
39	49	74	18	0	1	1	16	134	11	88	77	54	55	24	3
75%	86%	73%	37%	0%	3%	2%	42%	95%	13%	92%	95%	84%	83%	53%	7%
[ɬ]															
0	0	22	9	0	3	0	0	4	11	0	4	5	7	21	32
0%	0%	21%	19%	0%	10%	0%	0%	3%	12%	0%	5%	8%	11%	47%	71%
[l]															
13	1	3	14	12	21	40	17	0	62	8	0	3	4	0	9
25%	2%	3%	29%	37%	70%	62%	45%	0%	71%	8%	0%	5%	6%	0%	20%

Quadro 1 – Formas de realização da lateral para cada informante (cont.)

1	2	3	4	5	6	7	8	11	15	17	18	19	21	22	23
[Ø]															
0	7	3	3	4	3	4	4	3	1	0	0	0	0	0	0
0%	12%	3%	6%	12%	10%	6%	10%	2%	1%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
[r]															
0	0	0	4	16	2	19	1	0	2	0	0	2	0	0	1
0%	0%	0%	8%	50%	7%	30%	3%	0%	2%	0%	0%	3%	0%	0%	2%
(ressilabação)															
2	0	1	4	2	1	3	2	2	5	1	0	1	0	0	1
4%	0%	1%	8%	6%	3%	5%	5%	1%	6%	1%	0%	2%	0%	0%	2%

Com base no Quadro 1, acima, podemos isolar e sintetizar, em termos percentuais, a relevância das variáveis extralinguísticas na realização da lateral pós-vocálica. Nosso objetivo aqui é apenas comparar e contrastar os valores percentuais extraídos de cada informante, sem levar em conta o peso relativo de cada variante.

Podemos observar na tabela 7, a seguir, que os informantes com menos de 50 anos de idade são os que mais vocalizam a lateral em posição pós-vocálica. Esses informantes empregam em poucos casos o [l] alveolar ou o [ɫ] velar em substituição à forma vocalizada e em pouquíssimos casos fazem apagamento ou rotacismo da lateral.

Os informantes com mais de 50 anos, por outro lado, preferem a forma alveolar [l] para a realização da lateral pós-vocálica, apresentando como segunda opção a variante vocalizada [w], seguida pela variante velarizada [ɫ]. Percebemos também um alto índice de rotacismo [r], se comparado com os resultados dos informantes de menor faixa etária, ou mesmo com o apagamento da lateral [Ø].

Tabela 7 – Variável *idade* nas realizações da lateral pós-vocálica

	[l]	[ɫ]	[w]	[Ø]	[r]
menos de 50 anos	6,6%	6,9%	83,1%	2,5%	0,9%
mais de 50 anos	40,5%	18,2%	27,2%	3,9%	10,1%

Os dados da Tabela 8 mostram um percentual significativo de vocalização da lateral pelos informantes tanto com maior quanto com menor escolaridade. A lateral alveolar [l] aparece como a segunda mais utilizada, porém muito mais frequente para os informantes com menor escolaridade, que a utilizam na proporção de uma para cada quatro situações em que a lateral se encontra em posição pós-vocálica (28,6%). Parece haver um percentual expressivo de realização de rotacismo por informantes com menos escolaridade, que empregam essa variante com mais frequência que a variante velar [ʀ] ou mesmo realizam o apagamento da lateral. Informantes com mais escolaridade em pouquíssimos casos empregam as variantes róticas ou fazem apagamento da lateral.

Tabela 8 – Variável *escolaridade* nas realizações da lateral pós-vocálica

	[l]	[ʀ]	[w]	[Ø]	[r]
menor escolaridade	28,6%	8%	46,8%	6,6%	9,9%
maior escolaridade	13,8%	13,4%	71,3%	0,6%	0,8%

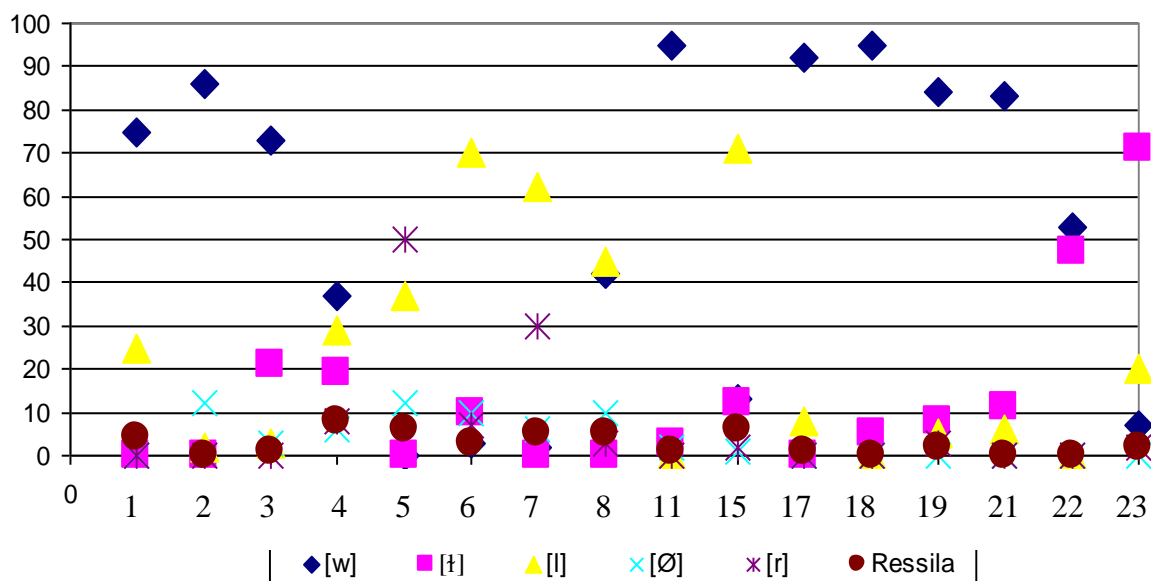
Percebemos pelos dados da Tabela 9 o emprego significativo da variante vocalizada por informantes do sexo feminino. Os homens, apesar de também optarem por essa variante para a realização da lateral, também fazem bom emprego da variante alveolar, sendo uma em cada quadro situações em que a lateral se encontra em posição pós-vocálica. Com relação ao apagamento e ao rotacismo, os percentuais que indicam os percentuais de emprego dessas variantes por homens e mulheres ficam muito próximos.

Tabela 9 – Variável *sexo* nas realizações da lateral pós-vocálica

	[l]	[ʀ]	[w]	[Ø]	[r]
Homem	25,1%	14,1%	52,8%	3%	4,9%
Mulher	12,8%	7,6%	72,5%	3%	3,9%

Com base nos dados do Quadro 1, podemos extrair um gráfico mais complexo que pode facilitar a visualização do uso das formas variantes de realização da lateral pós-vocálica. Na linha horizontal, encontram-se os informantes, numerados de 1 a 16, e, na linha vertical, o percentual de utilização, conforme segue.

Gráfico 3 – Realizações da lateral pós-vocálica pelos informantes



Ao observar o Gráfico 3, podemos inferir alguns comentários relativos aos informantes e ao emprego das formas variantes de realizações da lateral pós-vocálica que eles utilizam.

Os informantes que mais vocalizaram a lateral (acima de 70% dos casos de aplicação da regra variável) de números 1, 2, 3, 9, 11, 12, 13 e 14, têm em comum a faixa etária. De todos eles, apenas o último tem mais de 50 anos. Trata-se, todavia, de um informante do sexo feminino com escolaridade colegial, fatores que, como vimos anteriormente, favorecem a vocalização da lateral. Com relação ao sexo, cinco são do sexo feminino e três do masculino, mostrando, mais uma vez, ligeira vantagem das mulheres como aplicadoras da regra variável e agentes de inovação na comunidade linguística. Esses mesmos números se repetem na escolaridade, quando encontramos cinco com nível colegial e três com primário, corroborando as afirmações que fizemos anteriormente de que a escola atua como responsável pela mudança na língua e por sua rápida disseminação na comunidade linguística.

Com relação ao emprego de [ɮ] como forma de realização da lateral, poucas conclusões podem ser inferidas a partir de nossos dados. Percebemos, porém, que os informantes que mais fazem uso dessa variante na realização da lateral são aqueles com mais de 50 anos de idade, como os de números 15 e 16, que também compartilham do mesmo grau de instrução: colegial. Há uma ligeira vantagem com relação ao emprego



dessa variável no fator sexo para os homens, de 3 para 1, se acrescentarmos outros dois informantes, números 3 e 4, que, em nossa análise, empregaram essa variável em 20% das situações em que o /l/ estava em coda silábica.

Informantes que empregam a variante alveolar [l] na realização da lateral pós-vocálica em mais de 60% dos casos de aplicação, como os de números 6, 7 e 10, todos com mais de 50 anos, pouco empregam a variante vocalizada [w] e não têm uma segunda forma preferida de realização da lateral, alternando o uso entre as variantes vocalizada, velarizada e rótica.

A escolaridade primária é o fator em comum que mais se destaca no apagamento como realização da lateral pós-vocálica. Nos informantes em que mais percebemos essa variável, de números 2, 5, 6, 7 e 8, além de compartilharem o mesmo grau de escolaridade, também se encontram na mesma faixa etária: acima de 50 anos, à exceção de um deles, que tem menos de 50 anos de idade. Há um aparente equilíbrio no fator sexo com uma pequena vantagem para as mulheres de 3 para 2.

Os informantes que mais realizaram rotacismo [r], que são os de números 5 e 7, além de compartilharem da mesma faixa etária, acima dos 50 anos, e do mesmo grau de instrução primário, também foram aqueles que não empregaram a regra variável de vocalização da lateral, mas, ao invés disso, optaram pela realização desse fonema pela variante alveolar [l].

No componente pós-lexical, quando combinamos uma palavra que termina por uma lateral com outra que se inicia por vogal, ocorre uma ressilabação, colocando a lateral em posição pré-vocálica, alterando sua forma na sílaba, deixando de ser coda para se tornar ataque. Analisando os dados do Quadro 1, percebemos que, dos dezesseis informantes dessa pesquisa, doze deles a utilizam em algum ponto da entrevista, e que os homens levam uma pequena vantagem no emprego da ressilabação em relação às mulheres, visto que, além de os percentuais mais elevados de aplicações serem dos homens, eles somam oito dos doze informantes que realizaram a ressilabação. Podemos observar também pelos sete informantes que mais fizeram uso da ressilabação, ou seja, aqueles com percentuais mais altos (com percentuais de 3 a 8%), que essa forma é mais realizada pelos informantes com mais de 50 anos (cinco dos sete) e de menor grau de escolaridade (seis dos sete).

Numa análise mais cuidadosa das variáveis linguísticas, nas transcrições das entrevistas, observamos que: 1) das 25 ocorrências de ressilabação, o fator que mais favorece essa realização é *posição do acento na sílaba tônica*, que é categórica: 100% das realizações encontram-se nessa posição; 2) o contexto precedente *vogal baixa /a/*, com 21 aplicações, representando 84% de emprego, aparece como segundo fator mais favorecedor; 3) a forma de realização da lateral como [l] alveolar favorece mais a ressilabação que a forma vocalizada [w], realizada somente quando precedida pela vogal /a/, como em *hospital+em(hospita[we]m)*, *mal+e mal (ma[wi]mal)* e *qual+é (qua[we])*; 4) o último fator a favorecer a ressilabação da lateral é o *tamanho do vocábulo* de até duas sílabas. Ilustramos as observações acima, na Tabela 10, a seguir.

Tabela 10 – Variáveis linguísticas favorecedoras da ressilabação

fator	acento	contexto precedente			realização de /l/		tamanho do vocábulo	
		/a/	/i/	/ɔ/	[l]	[w]	até 2 síl.	+ 2 síl.
variável	tônica	/a/	/i/	/ɔ/	[l]	[w]	até 2 síl.	+ 2 síl.
aplic./TT	25/25	21/25	3/25	1/25	20/25	5/25	16/25	9/25
percentual	100%	84%	12%	4%	80%	20%	64%	36%

Podemos sumarizar, com base nos pesos relativos, os grupos de fatores que são relevantes para a vocalização da lateral pós-vocálica [w], através do Quadro 2. O quadro está organizado de forma hierárquica, ou seja, quanto mais para cima o fator estiver, maior será a relevância para a aplicação da regra variável.

Quadro 2 – Fatores relevantes à variação da lateral pós-vocálica

	Fatores	Peso relativo
Favorecem mais a vocalização da lateral pós-vocálica	fronteira de morfema em sufixo: <i>totalmente</i>	0,937
	contexto seguinte: fricativa alveolar <i>calçamento</i>	0,787
	sílaba postônica: <i>nível</i>	0,786
	faixa etária: menos de 50 anos	0,778
	contexto anterior: vogal média-baixa anterior /ε/	0,776
	classe de palavra: outros ( <i>mal</i> )	0,698
	sexo: feminino	0,680
	escolaridade: colegial	0,665
	oclusiva labial: <i>desculpa</i>	0,600
Favorecem menos a vocalização da lateral pós-vocálica	verbo: <i>soltar</i>	0,419
	final de palavra – raiz: <i>especial</i>	0,413
	contexto anterior: vogal média-baixa posterior /ɔ/	0,411
	sexo: masculino	0,357
	contexto anterior: vogal alta posterior /u/	0,314
	escolaridade: primária	0,266
	contexto seguinte: pausa ( <i>tal##</i> )	0,264
	contexto seguinte: líquida ( <i>painel#lá</i> )	0,193
	faixa etária: mais de 50 anos	0,122

A leitura do Quadro 2 não deve ser vertical de cima para baixo, mas sim de forma comparativa, por exemplo, contexto seguinte mais favorecedor x menos favorecedor, faixa etária menor de 50 anos x maior, sexo feminino x sexo masculino e assim por diante.

Como podemos perceber, as variáveis linguísticas – fronteira de morfema em sufixo, contexto seguinte e sílaba postônica – são mais favorecedoras à vocalização da lateral que as variáveis extralinguísticas, como faixa etária e sexo. Na verdade, as variáveis extralinguísticas se destacam na parte inferior do quadro, sendo que além de a faixa etária (acima de 50 anos) ser a menos favorecedora à vocalização da lateral, outras duas – escolaridade primária e sexo masculino – apresentam pesos relativos abaixo de 0,4.

## Considerações finais

Nossa pesquisa teve como objetivo principal analisar a variação da lateral pós-vocálica na cidade de Lages/SC através da análise variacionista. Estudos anteriores, nos moldes da Sociolinguística Quantitativa, nos foram úteis para formular nossas hipóteses e nos guiar na coleta e, posteriormente, na análise dos dados. Essa análise contribui com um projeto maior intitulado *Realização variável da lateral pós-vocálica no português do sul do Brasil e seu condicionamento prosódico* e ajuda a compor um quadro mais completo no que se refere à distribuição das variantes no espaço geográfico e sua relação com fatores sociais.

Devido aos resultados obtidos, em função da pouca quantidade de dados para a rodada do programa, resolvemos mudar o projeto inicial que era de uma análise eneária para uma análise binária para a vocalização da lateral contra as demais formas de realização do fonema /l/, a saber: alveolar [l], velar [ɫ], apagamento [Ø] e rotacismo [r]. O programa computacional GOLDVARB se fez útil na definição dos pesos relativos dos grupos de fatores. Embora seja simples, à primeira vista, definir os valores percentuais de aplicação de uma regra variável, o que na verdade importa são os valores dos pesos relativos, que, ao serem combinados com os diversos grupos de fatores, apontam para a relevância de uma ou outra variante como favorecedora ou não à aplicação da regra variável.

Com relação às onze hipóteses levantadas no início do trabalho, oito delas puderam ser confirmadas; nossos resultados, entretanto, não corroboram as hipóteses de números (4), (5) e (8).

Concluimos que, sobre a realização da variante vocalizada [w], os fatores extralinguísticos *idade*, *sexo* e *escolaridade* têm, sim, relevância na ocorrência dessa variante. Com base nos resultados obtidos, podemos afirmar que ela é mais realizada por (1) indivíduos com menos de 50 anos de idade, (2) do sexo feminino e (3) com mais tempo de escolaridade, como sugerimos no início do trabalho. Com relação aos fatores linguísticos *posição do acento*, *contexto precedente* e *posição da lateral no vocábulo*, pudemos constatar que a variante vocalizada costuma ser empregada quando (4) a lateral se encontra na posição postônica das palavras, contrariando nossa hipótese de que a sílaba tônica favoreceria a vocalização da lateral, (5) a vogal média-baixa anterior

/ɛ/ for seu contexto precedente, e não a vogal baixa /a/, como pensávamos anteriormente, e (6) quando a lateral estiver em final de morfema em sufixo. Nossos resultados mostram que (7) a vogal alta posterior /u/ age como desfavorecedora à aplicação dessa mesma regra variável.

Com relação à realização da variante velarizada [ɫ], estágio intermediário entre as formas alveolar [l] e vocalizada [w] da lateral /l/, nossa hipótese de que (8) essa forma fosse muito empregada, por ser favorecida tanto pelo fator geográfico quanto pelos mesmos condicionadores linguísticos e extralinguísticos que levam à vocalização da lateral, não se confirmou, tendo em vista o fato de essa ser apenas a terceira forma mais realizada da variável em estudo, como podemos observar no Gráfico 1 com apenas 11% de aplicação, superada pela forma alveolar, com 20%, e pela vocalizada, com 61%.

Os contextos com maior preservação da lateral alveolar [l] são aqueles mais favorecidos por fatores sociais que linguísticos. Podemos notar que os indivíduos que fazem mais uso dessa variante são aqueles com (9) mais de 50 anos de idade e (10) menos tempo de escolaridade e que (11) quando o contexto seguinte for uma vogal, permitindo a ressilabação, a lateral tende a ser alveolar, de modo que forme com essa o ataque silábico da palavra seguinte, como apresentado na Tabela 10 (p. 139).

Assim, concluímos o estudo cientes de que mais pesquisas podem ser feitas acerca da realização da lateral pós-vocálica na cidade de Lages/SC. As formas de realização de /l/ pós-vocálico como velar [ɫ] ou alveolar [l], não abordadas em nossa análise, podem ser tópicos para estudos futuros. Nosso objetivo foi, após uma análise preliminar dos dados, identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos favorecedores à vocalização da lateral em posição pós-vocálica, apresentando resultados empíricos satisfatórios para a validação da nossa pesquisa.

## Referências

BLOCH, B.; TRAGER, G. *Outline of Linguistic Analysis*. Baltimore, MD: Waverly Press, 1942.

BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Henry Holt, 1933.

BRESCANCINI, C. A Análise de Regra Variável e o Programa VARBRUL 2S. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (orgs.) *Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 13-24.

CAGLIARI, L. *Elementos de fonética do português brasileiro*. Tese (Livre Docência) – Universidade Estadual de Campinas, 1981.

CÂMARA JR. J. *História da Linguística*. Petrópolis: Vozes, 1975.

COSTA, C. *Fonologia Lexical e controvérsia neogramática: análise das regras de monotongação de /ow/ e vocalização de /l/ no PB*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

COUPLAND, N.; JAWORSKI, A. *Sociolinguistics: a reader and coursebook*. London: MacMillan Press, 1997.

DAL MAGO, D. *O comportamento do /l/ pós-vocálico no Sul do país*. *Working Papers in Linguistics*, v. 2, 1998.

ESPIGA, J. *O Português dos Campos Neutrais*. Um estudo sociolinguístico da lateral pós-vocálica nos dialetos fronteiriços de Chuí e Santa Vitória do Palmar. Porto Alegre: PUCRS, 2001.

GIRELLI, C. *Brazilian Portuguese Syllable Structure*. Tese (Doutorado) – University of Connecticut, 1988.

HAHN, L.; QUEDNAU, L. *A Lateral Pós-Vocálica no Português de Londrina: análise variacionista e estrutura silábica*. In: *Letras Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 100-113, 2007.

HOCKETT, C. *A Course in Modern Linguistics*. New York: Macmillan, 1958.

HORA, D. *Vocalização da Lateral /l/: correlação entre restrições sociais e estruturais*. In: *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 29-44, 2006.

HORVATH, B.; HORVATH, R. *The Geolinguistics of /l/ Vocalization in Australia and New Zealand*. In: *Journal of Sociolinguistics*. University of Sydney, Australia, 2002. p. 319-346.

KENT, R. *The Sounds of Latin: a descriptive and historical phonology*. Maryland: Linguistic Society of America, 1945.

LABOV, W. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington, DC: Center for Applied Linguistics, 1966.

\_\_\_\_\_. *Contraction, Deletion, and inherent variability of the English copula*. *Language* 45: 715-62, 1969.

\_\_\_\_\_. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 1972.

\_\_\_\_\_. *Principles of Linguistic Change: internal factors*. Cambridge: Blackwell, 1994.

\_\_\_\_\_; ASH, S.; BOBERG, C. *The Atlas of North American English*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

- LADEFOGED, P. *A Course in Phonetics*. New York: Harcourt, Brace & Jovanovich, 1975.
- LOPEZ, B. *The sound pattern of Brazilian Portuguese (Cariocan dialect)*. Tese (Doutorado) – Los Angeles: UCLA, 1979.
- LYONS, J. *Linguagem e Linguística: uma introdução*. Tradução de Marilda WinklerAverbug e Clarissa Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro, RJ: Sahar Editores S.A., 1981.
- MARTINET, A. *Economie des Changements Phonétiques*. Berne: Francke, 1955.
- QUEDNAU, L. *A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear*. Dissertação de Mestrado, UFRGS, 1993.
- SAUSSURE, F. de. *Cours de Linguistique Générale*. Paris: Payot, 1962.
- SÊCCO, G. *O /l/ implosivo na linguagem pontagrossense*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, UFRJ, 1977.
- TARALLO, F. *A Pesquisa Sociolinguística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.
- TASCA, M. *A lateral em coda silábica no Sul do Brasil*. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- VOTRE, S. *Variação fonológica no Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Letras) – Rio de Janeiro: PUCRJ, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Relevância da variável escolaridade*. In: MOLLICA, M.; BRAGA, M. (orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.

Recebido em março de 2013.

Aceito em maio de 2013.